

Case:

Turismo Cultural, Educação Patrimonial e Cidadania: Uma Experiência entre Universidade, Escola e Museu Em Sergipe

Revista Rosa dos Ventos -

Turismo e Hospitalidade

7(3) 459-470, jul-set, 2015

© O(s) Autor(es) 2015

ISSN: 2178-9061

Associada ao:

Programa de Pós-Graduação em

Turismo e Hospitalidade

Hospedada em:

<http://ucs.br/revistarosadosventos>



Mariana Selister Gomes¹, Carlos Moisés Santos², Cyndiane Vasconcelos³, Hevida Aragão⁴, Sabrina Britto⁵, Talita Andrade⁶

RESUMO

O 'case' relata a experiência de um roteiro educativo ao Museu da Gente Sergipana, acompanhado de uma oficina de educação patrimonial, com alunos de uma escola pública, inserido no Projeto de Extensão "Trilhas Urbanas em Aracaju: os múltiplos olhares sobre a cidade", do Núcleo de Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Buscou-se desenvolver o turismo cultural para a comunidade local a fim de contribuir para a educação patrimonial e para a cidadania, bem como, refletir sobre a possibilidade de o Turismo atuar como um mediador cultural. A metodologia utilizada foi a da pesquisa-ação, tendo como base a realização da ação, somada às técnicas de coletas de dados

¹ **Mariana Selister Gomes** - Doutor. Professora do Núcleo de Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, SE. Currículo: <http://lattes.cnpq.br/4111932033395194>. E-mail: marianaselister@gmail.com

² **Carlos Moisés Santos** – Acadêmico do Núcleo de Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, SE. E-mail: [<carlossantostur@hotmail.com>](mailto:carlossantostur@hotmail.com)

³ **Cyndiane Vasconcelos** - Acadêmica do Núcleo de Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, SE. E-mail: cyndiane.vasconcelos@gmail.com

⁴ **Hevida Aragão** - Acadêmica do Núcleo de Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, SE. E-mail: [<hevida_vida@windowslive.com>](mailto:hevida_vida@windowslive.com)

⁵ **Sabrina Britto** - Acadêmica do Núcleo de Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, SE. E-mail: bininhabritto@hotmail.com

⁶ **Talita Andrade** - Acadêmica do Núcleo de Turismo, Centro de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal do Sergipe, Aracaju, SE. E-mail: mms.andrade@hotmail.com

através de questionários e de observação. Percebeu-se que os estudantes desconheciam equipamentos culturais da cidade e não valorizavam o patrimônio cultural local, ao passo que conheciam e valorizavam patrimônios culturais que se tornaram hegemônicos na cultura ocidental; sendo que a ação contribuiu para reverter esta situação. Evidenciou-se o potencial do turismo cultural em despertar a cidadania e o pertencimento, bem como, sua responsabilidade em atuar como mediador cultural de lógicas diversas.

Palavras-chave: Turismo Cultural. Educação Patrimonial. Cidadania. Museu da Gente Sergipana. Aracaju, SE.

ABSTRACT

Cultural Tourism, Heritage Education and Citizenship: An Experiment among University, School and Museum in Sergipe -

The case reports the experience of an educational route to the "Museu da Gente Sergipana", accompanied by a workshop on heritage education, with students from a public school, inserted into the Extension Project "Trilhas Urbanas em Aracaju", Núcleo de Turismo of the Universidade Federal de Sergipe. We sought to develop cultural tourism to the local community in order to contribute to heritage interpretation and education and citizenship, as well as reflect on the possibility of tourism be a cultural mediator. The methodology was action research, based on the realization of the action, plus the techniques of data collection through questionnaires and observation. It was noticed that students don't know about cultural facilities of the city and do not value the local cultural heritage. It is concluded that the action helped to reverse this situation. It became evident the potential of cultural tourism for foment the citizenship and the cultural belonging, as well as their responsibility to act as a cultural mediator.

Keywords: Cultural Tourism. Heritage Education. Citizenship; Museu da Gente Sergipana. Aracaju, SE, Brazil.

CENÁRIO

O Turismo tem sido visto pela sociedade através de duas visões principais: uma paranóica e outra utilitarista (Canclini, 1999). A primeira aponta apenas os aspectos negativos do Turismo, destacando a transformação da cultura em mercadoria e o alijamento da comunidade de sua própria cultura. A segunda defende o Turismo, centrando-se na geração de riqueza e renda que este provoca. No entanto, ao lado dessas duas visões hegemônicas, emerge as discussões sobre 'um outro turismo possível' (Gastal & Moesch, 2004) e sobre um 'turismo humanizado' (Krippendorf, 2003). Nesta perspectiva, importa pensar as possibilidades do Turismo em: proporcionar riqueza de forma mais justa; divulgar a cultura de forma menos massificada; possibilitar o encontro cultural; incluir diferentes grupos nos espaços de lazer; promover a educação patrimonial para turistas e comunidade local; ser uma ferramenta de apropriação da comunidade sobre seu espaço, fomentando a cidadania; entre outras. É nesta perspectiva que a experiência aqui relatada se insere.

Neste relato busca-se: analisar o turismo cultural como forma de interpretação e educação patrimonial para a comunidade local; refletir se o turismo cultural é capaz de proporcionar cidadania, ao possibilitar o acesso da comunidade a bens culturais muitas vezes considerados

distantes de sua realidade; discutir a possibilidade de o turismo atuar como um mediador cultural. Tais reflexões partiram da ação cultural realizada através do Projeto de Extensão “Trilhas Urbanas em Aracaju: os múltiplos olhares sobre a cidade”, desenvolvido pelo Núcleo de Turismo da Universidade Federal de Sergipe. Nesse projeto foi realizado o roteiro “Museu da Gente Sergipana” com os alunos do 7º ano do Colégio Estadual Armindo Guaraná. A metodologia utilizada foi a da pesquisa-ação, onde desenvolve-se além do roteiro no museu em questão, uma oficina de educação patrimonial, tendo como técnicas de coletas de dados os questionários e a observação.

Acredita-se na possibilidade de os museus construírem-se como eficientes instrumentos de acesso a informação e de diálogo intercultural. Por meio dos seus elementos históricos, artísticos, arquitetônicos, paisagísticos e sua importância cultural, os museus são capazes de representar e integrar dadas comunidades. Os sujeitos ao se relacionarem com o espaço partilham experiências significativas fundamentais para o [re]conhecimento da cultura existente no meio em que estão inseridas. Neste sentido, os museus tornam-se ricas fontes de conhecimento, um espaço para a produção e disseminação de saberes, podendo ser também, aliados no processo de interpretação e educação patrimonial.

Partindo desse pressuposto, a interpretação patrimonial é fundamental para auxiliar as relações de pertencimento dos indivíduos e grupos sociais com o seu patrimônio, uma vez que permite aos mesmos, o conhecimento de informações relevantes e significados sobre os bens. Para Murta e Goodey (2002), interpretar o patrimônio refere-se à prestação de informações e representações que destacam a história e a cultura de um lugar, agregando valor à experiência do visitante. Desta forma, a interpretação patrimonial vai além de um simples repasse de informações sobre um objeto ou contexto histórico-cultural, pois se trata do fornecimento de informações e representações que significam e destacam o patrimônio de um lugar, e o tornam importante para os sujeitos que com ele interagem, seja a própria comunidade ou os turistas.

Utilizando-se de ferramentas e meios para atingir seus objetivos, a interpretação transcende a informação, podendo assim, sensibilizar os indivíduos a preservarem os seus patrimônios. Para Murta e Goodey (2002), mais do que informar, “interpretar é revelar significados, é provocar emoções, é entreter e inspirar novas atitudes no visitante, é proporcionar uma experiência inesquecível com qualidade.” (p.14). Desse modo, a interpretação torna-se essencial, fundamental e indispensável para o processo de histórico-aprendizado. Na ação do Projeto Trilhas, utilizou-se o Museu da Gente Sergipana e os professores e alunos monitores, para constituir o processo de interpretação patrimonial com os alunos selecionados, acerca do conhecimento do patrimônio cultural local, sua importância e necessidade de preservação. A ação buscou trazer as informações históricas culturais sobre os bens da comunidade, objetivando despertar nos indivíduos a sensação de pertencimento, de forma pedagógica, lúdica e criativa. Os resultados alcançados apontaram as possibilidades de o turismo cultural ser um agente de cidadania e um mediador cultural eficaz.

Tão importante como a interpretação, a educação patrimonial também foi desenvolvida na ação do Projeto Trilhas, embasada nas suas propriedades de sensibilização, valorização e conservação dos bens patrimoniais. Para Oliveira e Wenceslau (2007), é possível definir a educação patrimonial “como um programa de ensino que tem como objetivo a busca de uma maior conscientização dos indivíduos e comunidades acerca da importância de se valorizar e preservar seus patrimônios [...]” (p.34). A educação patrimonial ocorre de forma pedagógica, podendo ser aplicada a vários públicos, de crianças a idosos e ser utilizada por várias áreas, da Arquitetura ao Turismo. Diante desta perspectiva, salienta-se que o turismo cultural e o

turismo cidadão, ao promoverem a educação patrimonial, refletem-se positivamente nos aspectos socioculturais da localidade, aproximando a própria comunidade e também os turistas do contexto histórico cultural no qual os patrimônios estão inseridos.

Para tanto, visando sensibilizar a comunidade local, os roteiros turísticos também podem ser utilizados como técnicas para a interpretação patrimonial, devido a sua capacidade em revelar significados da herança cultural. Neste sentido, após tornar conhecidos os significados do patrimônio para os indivíduos e seus grupos sociais, é imprescindível destacar a importância de valorizar e preservar tais bens. Para isso, a educação patrimonial apresenta-se como uma ferramenta essencial, que pode se constituir em ação pedagógica que busque alcançar a valorização e preservação do patrimônio cultural legado por determinada comunidade. Assim, a interpretação e a educação patrimonial, buscam a sensibilização do coletivo, por meio do despertar de sua identificação e pertencimento cultural, para que estes passem a preservar o que lhes foi herdado e, por conseguinte, legá-lo também para as futuras gerações, por forma de herança e direito.

O Projeto - “Trilhas Urbanas em Aracaju: os múltiplos olhares sobre a cidade” é um projeto de extensão do Núcleo de Turismo da Universidade Federal de Sergipe, que surgiu inspirado em um projeto desenvolvido anteriormente pelo Diretório Central dos Estudantes. Desde 2009, o projeto leva moradores da grande Aracaju para conhecer a sua própria cidade, sob os princípios da cidadania e da educação. A cidade se converte em espaço de aprendizagem e roteiros turísticos se tornam acessíveis a comunidade local. Em 2013, o projeto centrou-se nos museus e teve como prioridade estudantes de escolas públicas.

A extensão universitária concretiza a relação da Universidade com a sociedade, através de diferentes ações que a mesma desenvolve em prol da comunidade na qual está inserida. A mesma integra o tripé de sustentação das universidades públicas brasileiras, qual seja: ensino, pesquisa e extensão. Através da percepção deste tripé como indissociável, propôs-se analisar em termos de pesquisa científica as ações de um projeto de extensão. Desta forma, o projeto Trilhas, para além de viabilizar educação e cidadania através de sua execução prática, possibilita reflexões sobre estas temáticas. A partir da experiência prática da ação de extensão, busca-se analisar se o turismo cultural desenvolvido na comunidade local pode contribuir para a educação patrimonial e para a cidadania, bem como, reflete-se sobre a possibilidade de o turismo atuar como um mediador cultural.

O Museu - O Museu da Gente Sergipana [MGS] constitui-se de uma proposta museal diferenciada, que se distingue pelo seu acervo que é pautado basicamente no patrimônio imaterial, na cultura popular e na identidade. Como o próprio nome já sugere, o enfoque está no resgate ou constituição do que seria ‘ser sergipano’, ou do sentimento de ‘sergipanidade’, que não é estático ou imutável. Diferencia-se, assim, dos tradicionais museus históricos. Seu projeto museográfico afirma: “O Museu da Gente não veio de uma coleção de objetos, mas de uma cultura aberta e pulsante”⁷.

Para este fim, o referido Museu inova ao usar a tecnologia como ferramenta de construção de conhecimento. É o primeiro do Nordeste que, baseado no Museu da Língua Portuguesa [São Paulo, SP], traz uma proposta lúdica e interativa com o público. O Museu da Gente Sergipana⁸, inaugurado em novembro de 2011, surge de uma parceria entre o Governo do Estado de Sergipe e o Instituto Banese [Banco do Estado de Sergipe]. Está localizado em um prédio

⁷ Informações disponíveis em: <http://www.museudagentesergipana.com.br/>, acesso em MAR 2015

⁸ Idem.

histórico de 1926, antigo Colégio Atheneu Dom Pedro II. O curador é Marcello Dantas, que também foi diretor artístico do Museu da Língua Portuguesa. Em 2013, recebeu o prêmio Rodrigo Melo Franco de Andrade, do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional [IPHAN], na categoria Responsabilidade Social⁹.

Logo no auditório, onde começa a visita guiada, é apresentado um vídeo contendo imagens do Estado de Sergipe, sua cultura, festejos populares, procissões e imagens de ambientes naturais. A visita prossegue até a feira popular, com a projeção de um conhecido personagem sergipano, o Josevende [Pierre Feitosa, ator], que interage com o público. Um momento marcante é o passeio pela sala dos ecossistemas e biomas de Sergipe, em que o visitante senta-se num barquinho e pode contemplar e ouvir informações sobre cada um dos biomas, através de vídeos projetados nas paredes a sua volta, que simulam o estar dentro do espaço dos biomas. O Museu adentra, assim, no patrimônio natural.

É possível aprender um pouco mais sobre expressões regionais e locais, pois num determinado espaço estão termos e expressões característicos e seus respectivos significados; ou seja, a linguagem é utilizada como expressão cultural e identitária. Encontra-se também um ambiente voltado para a gastronomia, no qual está uma mesa interativa onde é possível formar pratos regionais de Sergipe, mostrando-se a história de cada comida. Neste mesmo ambiente existe um painel com um jogo em que os visitantes podem interagir, tratando animais, dando-lhes alimentação, plantando e colhendo; conhecendo, assim, um pouco das atividades de agricultura e pecuária.

O MGS surpreende com um espaço denominado 'Nossos Cabras', em que através de uma animação holográfica, três personagens que fazem parte da história sergipana, contam suas histórias de vida. As brincadeiras de aprendizagem, lúdicas, não foram esquecidas. Há um painel de jogo da memória, pião, amarelinha com apresentações de vídeos projetados no chão. Por fim, chega-se ao espelho mágico onde aparece um personagem da cultura local, com o qual o visitante pode interagir. Ainda, há duas cabines, uma de Cordel e outra de Repente, nas quais podem ser feitos vídeos a serem postados no Youtube. Assim, o MGS insere-se nas perspectivas contemporâneas de museus. Mantém as funções de preservação, educação e lazer; no entanto, o faz de forma inovadora: preservando o patrimônio imaterial e a cultura popular, bem como, educando e proporcionando lazer através do uso de tecnologias. E nesses termos, torna-se um bom objeto de análise.

METODOLOGIA

Em termos metodológicos, a fim de viabilizar uma pesquisa produzida a partir de uma ação concreta, recorre-se a Pesquisa-Ação (Tripp, 2005). Esta metodologia é utilizada no Turismo e nas Ciências Sociais, por possibilitar um conhecimento ao mesmo tempo prático, teórico e engajado na transformação social. A ação desenvolvida junto aos alunos [levá-los ao Museu e realizar uma oficina de educação patrimonial na escola] teve como objetivo proporcionar a cidadania e a educação patrimonial, ou seja, contribuir de forma concreta na transformação social [mesmo que naquele micro universo de alunos]. A análise da ação, desenvolvida durante a ação, permite avaliar a efetividade da mesma, bem como, refletir em termos mais gerais sobre este tipo de ação – no caso uma ação pensada e concretizada pelo Turismo para a comunidade local.

⁹ Informações disponíveis em: <http://www.museus.gov.br/tag/premio-rodrigo-melo-franco/>, acesso em MAR 2015.

Assim, pretende-se incentivar ações como esta, melhorar futuras ações concretas desenvolvidas no mesmo sentido, bem como, contribuir em termos de discussões conceituais. Ou seja, pretende-se auxiliar no desenvolvimento de ações de extensão de cursos de Turismo [e ações sociais de Turismólogos], bem como, busca-se fomentar as reflexões sobre o papel do Turismo como ferramenta de educação patrimonial e cidadania. Na Pesquisa-Ação, uma série de técnicas de coletas de dados são indicadas para possibilitar a produção de conhecimento sobre a ação. No caso desta pesquisa, durante a ação, realizada na escola e no museu, foram realizadas observações e foram aplicados cerca de 30 questionários (como perguntas abertas e fechadas). Estes dados serão analisados nos resultados, a seguir.

A metodologia perpassa também por uma revisão bibliográfica, na qual foram mapeadas algumas discussões sobre o Turismo Cultural como ferramenta de Educação Patrimonial e como instrumento de Cidadania, bem como, sobre o Turismo como um Mediador Cultural. Com relação ao Turismo Cultural acredita-se que, desenvolvido de forma responsável, constrói conhecimento e contribui na preservação das tradições e na dinamização dos patrimônios culturais (Dias, 2006). Entre os espaços de preservação e divulgação do patrimônio cultural, destacam-se os museus. A partir de Vasconcellos (2006), observa-se o papel dos museus e sua caracterização como um agente sociocultural de extrema importância para a comunidade local e demais atores sociais, a exemplo dos turistas culturais atraídos pelo desejo de conhecer a cultura do 'outro'.

Apesar das discussões sobre museus enfocarem o caráter material dos acervos dos museus, atualmente, há também museus que se voltam para o patrimônio imaterial, como o Museu da Gente Sergipana. A partir do Turismo Cultural é possível o deslocamento destes múltiplos sujeitos aos espaços museais. Verifica-se a contribuição do Turismo para fomentar a auto identificação e o pertencimento dos sujeitos à cultura enfatizada no museu, e, desta forma, possibilita-se a valorização e preservação da mesma. Como destacam Ribeiro e Santos (2008), o Turismo pode proporcionar Educação Patrimonial para as comunidades locais, possibilitando à população conhecer e valorizar seu patrimônio. Para tanto, visando sensibilizar a comunidade local, os roteiros turísticos podem se tornar ferramentas de educação patrimonial, a qual constitui-se como uma ação pedagógica de relevante importância para atingir à valorização e preservação do patrimônio cultural legado por determinada comunidade.

Na perspectiva de desenvolver o Turismo Cultural para a própria comunidade local, surge o conceito de Turista Cidadão (Gastal; Moesch, 2007). A discussão sobre turismo e cidadania parte da necessidade de aproximação da comunidade junto a sua cidade. O objetivo é o de fazer com que haja uma apropriação e valorização por parte da comunidade de espaços que até então passam despercebidos e que só são visitados por turistas. Desse modo, para que essa prática de apropriação e interação com o espaço aconteça, é preciso o incentivo dos órgãos públicos e de instituições de ensino, com a criação de projetos que levem essas pessoas a conhecer esses espaços e com a realização de oficinas de educação patrimonial para que elas saibam a importância e riqueza cultural do seu patrimônio. É neste sentido que se insere a ação do Projeto Trilhas.

Neste sentido, o Turismo pode ser entendido como um mediador cultural entre a comunidade e seus bens culturais; assim como, entre turistas e bens culturais da comunidade – mediando lógicas diversas. Conforme Coutinho (2009) é preciso se preocupar com o papel da mediação cultural, no processo pedagógico de ensino-aprendizado, para não intensificar a aversão existente entre os leigos e a denominada 'alta cultura'. Os museus precisam aproximar os diferentes públicos através de uma mediação humanizada. O Museu da Gente Sergipana se

mostra interessante nesta perspectiva de mudança, por focar a cultura popular, o patrimônio imaterial e utilizar a tecnologia para se aproximar do público. Neste processo de diálogo entre os diferentes públicos, os patrimônios culturais e os espaços museais, os turismólogos também devem estar atentos para as problemáticas da mediação. No caso aqui analisado, a Oficina de Educação Patrimonial pretendeu ser um espaço de mediação entre Universidade, Escola e Museu, como será desenvolvido a seguir.

RESULTADOS

O planejamento do “Roteiro: Museu da Gente Sergipana” proposto pelo “Projeto de Extensão Trilhas Urbanas em Aracaju: Os Múltiplos Olhares Sobre a Cidade” se deu a partir de reuniões entre os professores orientadores e os monitores bolsistas e voluntários do projeto. Durante as reuniões foram discutidos os aspectos da logística e execução da atividade. Com o intuito de possibilitar aos alunos participantes do roteiro, uma Interpretação e Educação Patrimonial a partir da visita ao museu mencionado, definiu-se no planejamento que além da visita ao MGS, seria desenvolvida uma Oficina de Educação Patrimonial e também um lanche cultural, a fim de possibilitar aos alunos, uma experiência marcante que despertasse seus olhares e os sensibilizasse para a sua cultura local.

O primeiro roteiro ocorreu no dia 16 de agosto de 2013, tendo como participantes 25 alunos do 7º ano do Colégio Estadual Armindo Guaraná.¹⁰ O ponto de partida foi a reitoria da Universidade Federal de Sergipe, às 08h00min, em micro-ônibus da própria instituição, com a presença da professora orientadora, da bolsista e dos monitores voluntários, e chegada ao colégio às 08h20min. Após recepção pela coordenação da escola, fomos ao encontro de alunos e professoras ministrantes das disciplinas de História e Geografia, na sua ala de aula.

O planejamento previa a realização da Oficina de Educação Patrimonial, porém houve algumas dificuldades técnicas, pois na sala de aula não havia energia elétrica, o que impossibilitaria a utilização de *datashow* como recurso didático auxiliar, sendo necessário trocar de sala. Dirigimos-nos com os alunos para a sala de vídeo, que contava com instalações elétricas, mas as mesmas eram precárias, comprometendo, num primeiro momento, a utilização das imagens que seriam apresentadas no decorrer da oficina. Sanado o problema, tal dificuldade técnica permitiu refletir sobre a distância entre a Universidade e as escolas públicas de periferia; ou seja, a Universidade, por vezes, não percebe as condições precárias em que se encontram outros níveis do ensino público.

A proposta da Oficina era a de, a princípio, realizar levantamento sobre que ideia dos alunos sobre o patrimônio e, posteriormente, sobre patrimônio cultural, incluindo os da sua localidade de residência. Para tanto, os primeiros *slides* apresentados continham ilustrações sobre diversos patrimônios mundiais, a exemplo da Torre Eiffel, na França, da Estátua da Liberdade, nos Estados Unidos, do Coliseu de Roma, na Itália, dentre outros. Neste momento, a professora orientadora perguntou à turma se eles conheciam os patrimônios apresentados, e como resposta, foi respondido “sim” para todos os patrimônios exibidos.

Em sequência, apresentamos alguns patrimônios nacionais, com tombamento e registro a nível mundial ou nacional, como, por exemplo, o Cristo Redentor [RJ], o Samba de Roda [BA] e a Renda Irlandesa [SE]. Diante disto, constataram-se observações diferenciadas das sobre os primeiros patrimônios exibidos aos alunos. Desta vez, quando perguntado a respeito do

¹⁰ Escola localizada na Av. José Conrado de Araújo, s., Jardim Rosa Elze, São Cristóvão, SE.

conhecimento sobre os mesmos, houve um destaque para o Cristo Redentor [RJ] mas quanto aos demais, obtivemos respostas incorretas. Dentre as tentativas de acertos, alguns alunos chegaram a interpretar o Samba de Roda, pejorativamente, como 'macumba', e a Renda Irlandesa como 'crochê'.

Feito isso, os *slides* seguintes traziam alguns dos patrimônios locais do Sergipe, como o Barco de Fogo, a Queijadina, o To-to-tó, o Pé de Moleque, a Igreja do Carmo, a Praça São Francisco, dentre outros. Como resposta aos questionamentos, obtivemos respostas positivas e negativas extremamente importantes para o desenvolvimento do presente estudo. A maioria dos alunos desconhecia o seu patrimônio local, principalmente os materiais. Durante a exibição da Praça São Francisco e de algumas igrejas presentes em São Cristóvão, os alunos chegaram a afirmar que não conheciam, mesmo que muitos deles morassem nas proximidades desses patrimônios. Em outro momento, além do desconhecimento, houve também ironias com relação a alguns patrimônios, como o To-to-tó, que foi motivo de risadas. Como respostas positivas, houve um destaque para o patrimônio imaterial no que diz respeito à gastronomia regional, pois todos conheciam Pé de Moleque e a Queijadina.

Os *slides* seguintes eram construídos a partir de questionamentos sobre o que seria patrimônio e patrimônio cultural. Durante as perguntas, muitos alunos souberam responder, utilizando para o primeiro questionamento respostas como "é algo privado", "a minha casa é o patrimônio dos meus pais", entre outras. Referente ao conhecimento a respeito do que seria patrimônio cultural, a princípio houve pouca agitação para responder às perguntas, mas logo lembraram dos slides apresentados no início e responderam citando a Queijadina, a Igreja do Carmo, o Cristo Redentor, entre outros. Diante disto, os *slides* seguintes continham as informações mais técnicas, em linguagem didática, para o repasse eficiente das informações aos alunos. A oficina trazia o conceito de patrimônio como herança e como algo deixado pelos pais para os seus filhos, como um carro, uma casa, entre outros exemplos. Associando com as respostas que os mesmos disseram anteriormente. Referente ao conceito de patrimônio cultural utilizou-se a ideia de bem cultural como herança legada por a uma comunidade por seus antepassados. Logo, percebeu-se a interação dos alunos com os patrimônios apresentados durante toda a oficina.

Os *slides* também apresentavam a necessidade de se conhecer e preservar os patrimônios culturais e observou-se, a partir daí, os efeitos da oficina sobre os alunos. Fora observado, a partir dos seus comportamentos e da interação com a professora orientadora e com os demais monitores do projeto, a construção do conhecimento por parte dos alunos, de forma a contribuir positivamente para os seus aprendizados tanto sobre os aspectos históricos e geográficos, como culturais a respeito da sua localidade. Acredita-se que, assim, gerou-se a Educação Patrimonial e contribuiu-se com a perspectiva do conhecer para preservar, para dar vida aos patrimônios que os representam, para que valorizem e se sintam valorizados através daquilo que os pertencem por direito, pois são a herança lhes deixada por seus antepassados para usufruto da geração presente e, por conseguinte, para a geração futura.

O último *slide* trazia a imagem do Pé de Moleque e a frase: "Preserve o seu patrimônio". Ao mesmo tempo, os monitores distribuíram Pés de Moleque para os alunos. Neste momento, todos aplaudiram, mostrando-se contentes com a oficina. Aquele doce que lhes era tão familiar fora apresentado como um patrimônio e isso fez com que eles se sentissem valorizados, o que era perceptível em seus sorrisos. Os olhares desconfiados e desatentos foram se transformando em olhares alegres. Neste momento, como Universidade, sentíamos concretizando o papel da extensão. Não queríamos levar o saber acadêmico de forma impositiva e arrogante, mas fazer dialogar o universo dos alunos e o universo dos conceitos

científicos, tentando atuar como mediadores culturais de forma responsável. Em seguida, nos dirigimos para o ônibus juntamente com as professoras assistentes do colégio, rumo ao MGS.

No ônibus, durante o percurso, a professora orientadora do projeto explicou para todos um pouco sobre a origem e o objetivo do Projeto Trilhas, enfatizando a sua importância para a comunidade local. Em seguida, os demais monitores apresentaram brevemente o MGS, trazendo para os alunos e professores assistentes, um pouco da sua história e do seu acervo, uma vez que a maioria dos alunos e, também uma professora assistente do colégio, não tinham visitado o museu antes, sendo está a sua primeira visita ao espaço. Alguns não sabiam sequer da existência de museus em Aracaju. Também foi explicado aos alunos, um pouco sobre o curso de Turismo da UFS, e, neste momento, muitos alunos demonstraram interesse futuro sobre o curso.

O percurso até o museu foi regido por conversas e interação entre o corpo do projeto, os alunos e professores da escola. Era perceptível durante o trajeto à empolgação e ansiedade de todos para chegar ao museu e partilhar das experiências construídas até então na sua imaginação.

Quando a Escola vai ao Museu - No decorrer da visita ao Museu da Gente Sergipana pode ser observada a importância da inclusão da cultura local no ensino escolar, pois os alunos demonstraram que sabem pouco sobre a sua própria história e desvalorizam sua cultura; ao passo que valorizam culturas tidas como hegemônicas. Segundo Ganzer (2005), sair “do ambiente escolar com os alunos e chegar aos espaços expositivos é de grande importância.” (p.86). É nesse sentido que a visita ao museu foi realizada, para ampliar o olhar do aluno sobre sua cultura em um ambiente que não seja o de costume, diferente da sua sala de aula. Destaca-se a importância que os próprios alunos conferiram a atividade. Ao defrontarem-se com a questão “*Você acha que aprendeu mais sobre a história e a cultura de Sergipe no Museu da Gente Sergipana?*”, no questionário aplicado ao final da visita, a totalidade dos alunos respondeu que “sim”. Ou seja, foi possível observar que a visita proporcionou a todos o enriquecimento do aprendizado sobre sua cultura.

No Museu da Gente Sergipana os alunos afirmaram que nunca ter visitado espaços museais. Apenas um dos alunos disse que já tinha visitado, em outro momento. Portanto, para grande maioria, tudo era novo e cada espaço foi uma descoberta e reconhecimento da cultura sergipana, além de ter sido mais uma oportunidade de obter conhecimento. Porém, observou-se que na chegada ao Museu os alunos não estavam com o foco em aprender, relataram que o motivo principal de participarem da visita ao museu era só pelo fato de estarem fora da escola, como algo novo. É neste momento que é fundamental a atuação dos mediadores, para transformar o interesse pelo novo em interesse pelo conhecimento.

Outro fator preocupante percebido foi à fala de um dos alunos que, ao chegar ao Museu, relatou não saber da existência de nenhum museu em Sergipe, e que achava que esses patrimônios existissem apenas em outros estados ou países. Afirmou: “*Pensei que isso era coisa lá da Europa*”. Desta forma percebe-se a necessidade urgente na disseminação da Educação Patrimonial nas escolas sergipanas e, principalmente, o estreitamento das relações entre escolas e unidades museais, para que as pessoas percebam a importância desses espaços para Sergipe e possam, conseqüentemente, usufruir dos mesmos como cidadãos.

Ao realizar visitas educativas aos museus, através da pesquisa-ação, um fator relevante é a observação dos alunos nesses espaços, seus olhares, comentários, ansiedades, risos, proporcionando uma maior responsabilidade em decifrar cada um desses sentimentos, cada

olhar daqueles alunos. Ganzer (2005) relata que o “prédio do museu, como patrimônio cultural, suscita expectativas e estabelece relações com o imaginário de cada visitante.” (p. 86). Então, diante das observações, percebe-se como a oficina teve seu papel de despertar nos alunos o interesse em reconhecer seus próprios patrimônios culturais, expostos no Museu da Gente Sergipana, como por exemplo a Renda Irlandesa, a Praça São Francisco, o cordel, a fauna e flora, o carrossel, as brincadeiras e os dialetos sergipanos, entre outros. Observou-se, no decorrer do trajeto pelo museu, a centralidade da tecnologia na vida dos jovens. Por um lado, ela desperta o interesse dos alunos, ao ser utilizada no Museu; por outro lado, ela monopoliza a atenção dos alunos que se distraem pensando em fotografias e internet. Na sala midiática, os alunos não queriam ver a história que estava passando, e sim, o interesse deles era se os *tablets* tinham acesso a redes sociais.

Na sala do Carrossel foi percebido que os alunos conheciam as imagens das praças que passavam. Acharam que eram lindas, demonstrando nos olhares e expressões faciais, que estavam gostando de ver o movimento do carrossel, utilizado para girar as projeções das praças nas paredes do ambiente. Porém, quando foi transmitida a imagem da Praça São Francisco, fizeram pouco caso daquilo que é do seu pertencimento, do seu patrimônio, ou seja, a Praça São Francisco é Patrimônio Cultural da Humanidade e está localizada no município que os alunos residem, mas não há sua valorização, pelos mesmos. Ouviram-se comentários de que aquela era a Praça mais feia que tinha passado no Carrossel. Diante deste relato foi estimulado a saber qual motivo que levava os alunos a não valorizar seu patrimônio, para isso perguntou-se a eles o porquê dessa afirmação; responderam que era devido à cidade de São Cristóvão possuir casas históricas e velhas.

Este fato nos leva a refletir sobre o processo de modernização urbana e verticalização no qual Aracaju está inserida, o qual faz com que o histórico passe a ser visto como atrasado. Neste ponto, coloca-se o dilema entre a valorização dos patrimônios culturais e o desejo pelo novo; ressaltando-se a responsabilidade dos mediadores culturais em fazer dialogar estas duas perspectivas. Neste sentido percebe-se que as tecnologias multimídias podem ser aliadas para a aproximação e construção do entendimento do valor cultural existentes nos bens patrimoniais.

Os recursos tecnológicos no museu atraem bastante às crianças, elas ficam impressionadas, é perceptível nos sorrisos de cada um. O Museu da Gente Sergipana é um espaço que leva a população a conhecer a sua cultura, focando a *sergipanidade* como fator principal. Os espaços do museu utilizam da tecnologia para expor a cultura sergipana, seja ela a gastronomia, a pecuária, as festas populares, o artesanato, a música, a literatura. O espaço túnel dos ecossistemas projeta imagens da fauna e flora dos biomas sergipanos e é visitado através de um passeio de barco simulado. Este espaço atraiu e impressionou bastante os alunos – como se percebeu através do questionário, tendo em vista que este foi o espaço mais destacado, juntamente com o carrossel.

Diante da análise dos questionários observou-se que o Museu da Gente Sergipana tem cumprido o papel proposto pela nova dinâmica dos museus que é trabalhar a salvaguarda do patrimônio, servir como espaço de aprendizado e proporcionar momentos de lazer. Além disso, foi possível observar que o museu contribuiu para reforçar o sentimento de pertencimento. Ao serem questionados se o roteiro ao museu proporcionou sentimento de orgulho em ser sergipano[a], os alunos responderam que sim, em 95% dos casos. Em uma questão de múltipla escolha, os alunos apontaram que aquele momento vivido foi de “lazer, aprendizado, diversão, valorização da cultura sergipana e de conhecimento”.

Por fim todos os alunos afirmaram no questionário que levariam seus familiares e amigos para visita ao Museu da Gente Sergipana, demonstrando que têm o interesse de retornar ao museu. Assim, os alunos continuam com o trabalho de educação patrimonial (de forma informal e espontânea) disseminando o conhecimento e valorizando a cultura local. Desta forma, ao convidar e trazer seus familiares e amigos, eles tornam-se sujeitos no processo de mediação cultural.

CRÍTICAS E RECOMENDAÇÕES

Ao finalizar o presente relato, é possível apontar que o turismo cultural pode ser uma ferramenta de interpretação e educação patrimonial e cidadania podendo atuar como um mediador cultural. No entanto, este processo precisa ser realizado de uma forma responsável e consciente por parte dos agentes de turismo, dentro da perspectiva de um turismo humanizado. Nesta perspectiva, o Turismo não é o principal agente de proteção e dinamização do patrimônio, tampouco é o grande vilão da transformação do patrimônio em mercadoria. O Turismo faz parte destas dinâmicas e pode ter diferentes resultados dependendo da forma como é planejado e executado.

Na ação que gerou esta reflexão, através da metodologia da pesquisa-ação, o Turismo foi desenvolvido para a comunidade local na lógica do 'turismo cidadão'. O Curso de Turismo da UFS, através do Projeto de Extensão "Trilhas Urbanas em Aracaju", levou alunos de escolas públicas ao Museu da Gente Sergipana. Desta forma, moradores que não tinham acesso a este bem cultural, muitas vezes entendido apenas como um atrativo turístico, tornaram-se parte do mesmo, o que fomenta a cidadania. As observações demonstraram que quase a totalidade dos estudantes não conhecia o museu e muitos não sabiam de sua existência. Já o questionário apontou que todos têm intenção de voltar ao museu, levando amigos e familiares. Neste sentido, a ação cumpriu sua função de contribuir para a cidadania, no aspecto do acesso a bens culturais; bem como, atingiu seu objetivo de promover o patrimônio local proporcionando educação patrimonial.

No que tange a atuação como mediador cultural, refletiu-se sobre o papel da universidade em ir até a escola e levar alunos da educação básica ao museu. Nesse sentido, percebeu-se que durante a ação houve um cuidado por parte da equipe em não impor uma cultura erudita [acadêmica, tida como a 'alta' cultura] sobre a cultura dos alunos. Houve o esforço no sentido do diálogo, sendo esta uma recomendação importante para ações de extensão de Cursos de Turismo. A oficina realizada na escola foi construída através de questionamentos aos alunos, para dialogar com seus conhecimentos e entendimentos. O patrimônio valorizado na ação foi o patrimônio sergipano, com enfoque na cultura popular e no patrimônio imaterial – como possibilita o Museu da Gente Sergipana. Desta forma, o objetivo não foi impor uma cultura, mas utilizar os recursos acadêmicos para fomentar a valorização da cultura local frente a culturas hegemônicas. A ideia foi colocar a universidade ao lado da cultura local. Assim, entende-se que os Cursos Universitários de Turismo podem atuar como mediadores culturais.

REFERÊNCIAS E BIBLIOGRAFIAS RECOMENDADAS

- Barretto, M. (2007) *Cultura e turismo: discussões contemporâneas*. Campinas: Papyrus.
- Bina, E. (2010) Museus: espaços de comunicação, interação e mediação cultural. In: *Actas... I Seminário de Investigação em Museologia dos Países de Língua Portuguesa e Espanhola*, v. 2, pp. 75-86.
- Canclini, N. G. (1999) Los usos sociales del patrimonio cultural. In: Aguilar, E. (org.). *Patrimônio Etnológico: Nuevas perspectivas de estudio*. Sevilla: Consejería de Cultura. Junta de Andalucía.
- Coutinho, R. (2009) Questões sobre a formação de mediadores culturais. In: *Anais... 18º Encontro da Associação Nacional de Pesquisadores em Artes Plásticas*, pp. 3737-3749.
- Dias, R. (2006) *Turismo e Patrimônio Cultural: recursos que acompanham o crescimento das cidades*. São Paulo: Saraiva.
- Funari, P. & Pinsky, J. (Orgs.). (2003) *Turismo e patrimônio cultural*. São Paulo: Contexto.
- Ganzer, A. (2005) Turbilhão de sentimentos e imaginações: as crianças vão ao museu, ou ao castelo. In: Leite, M. & Ostetto, L. (orgs.). *Museu, Educação e Cultura*. Campinas: Papyrus.
- Gastal, S. & Moesch, M. (2004) *Um outro turismo é possível*. São Paulo: Contexto.
- Gastal, S. & Moesch, M. (2007) *Turismo, políticas públicas e cidadania*. São Paulo: Aleph.
- Krippendorf, J. (2001) *Sociologia do Turismo: para uma nova compreensão do lazer e das viagens*. São Paulo: Aleph.
- Mason, T. (2001) *Educação em Museus*. Série Museologia, vol. 3. São Paulo: Edusp, British Council, Vitae.
- Murta, S.M.; Goodey, B. (2002) Interpretação do patrimônio para visitantes. In.: Murta, S.M. & Albano, C. (orgs.). *Interpretar o Patrimônio: um exercício do olhar*. Belo Horizonte: Ed. UFMG.
- Oliveira, F. de & Wenceslau, F.F. (2007) Educação patrimonial e a pesquisa arqueológica do sítio "Casa de David Canabarro" em Santana do Livramento, RS. In: Soares, A.L.R. & Klamt, S.C. (orgs.) *Educação Patrimonial: teoria e prática*. Santa Maria RS: Ed. UFSM.
- Ribeiro, M. & Santos, E. (2008) Turismo Cultural como forma de Educação Patrimonial para as Comunidades Locais. *Revista Itinerarium*, v.1.
- Tripp, D. (2005) Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, V.31(3), pp. 443-466.
- Vasconcellos, C. (2006) *Turismo e museus*. São Paulo: Aleph.

Recebido – 29 MAI 2015

Avaliado e Revisado – JUN-AGO 2015

Aprovado – 29 SET 2015